

## ENTRE GINGAS E TRAMELAS: A CULTURA NEGRA NO CURRÍCULO ESCOLAR

Flávio Nunes dos Santos Júnior  
EMEF Maria Rita de Cássia Pinheiro Simões Braga

O presente relato foi desenvolvido junto com as/os estudantes da EMEF Maria Rita de Cássia Pinheiro Simões Braga, localizada na zona sul de São Paulo, no distrito de Capão Redondo. A unidade atende crianças e jovens entre 06 e 15 anos de idade no ensino regular (fundamental I e II), oferecendo a Educação de Jovens e Adultos no período noturno.

O interesse pela investigação das manifestações da cultura afro-brasileira surge a partir da necessidade de romper com a exclusividade da cultura euro-americana presente no currículo das crianças. Tomando como pressupostos basilares, os princípios de justiça curricular<sup>1</sup> e descolonização<sup>2</sup> do currículo que estruturam a abordagem da cultura corporal de Educação Física proposta por Neira (2011).

Além disso, garantir o cumprimento da lei 10.639/03, que altera os artigos 26 – A e 79-B da lei 9394/96, tornando obrigatório o Ensino da Cultura e História Afro-Brasileira e Africana em todos os níveis de ensino, tendo sido ampliada pela lei 11.645/08 que acrescenta a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena.

O projeto se iniciou no segundo bimestre do ano de 2015, estendendo até o fim do ano letivo, foi realizado com turmas de quinto ano do fundamental I, crianças com faixa etária entre 9 e 11 anos. Nesta etapa, os estudantes têm duas aulas semanais de Educação Física.

Deste modo, o começo do projeto se deu a partir de um mapeamento<sup>3</sup> sobre as manifestações de dança conhecida pela turma. Sentados em roda na parte externa da unidade, as/os estudantes perguntados sobre quais conheciam, citaram as seguintes:

---

<sup>1</sup> Justiça curricular tem o mesmo sentido de justiça social. O que esta em tela é a realização da justiça no ato de vivência curricular. Uma distribuição equilibrada das diversas manifestações da cultura corporal prestigiará, pela valorização deste patrimônio, a multiplicidade de conhecimentos presentes na escola e na sociedade (NEIRA, 2011).

<sup>2</sup> A descolonização do currículo viabiliza um leque de oportunidades “diferentes”, proporcionando a participação equitativa das múltiplas identidades, aspecto central de uma escola comprometida com a apropriação crítica da cultura corporal de todos os seus frequentadores. Por meio desse procedimento, o currículo cultural da Educação Física empreende a possibilidade de diálogo entre culturas, de convivência e partilha coletiva com o diferente, desestabilizando a noção de que existem culturas particulares (NEIRA, 2011).

<sup>3</sup> Ação que permite ao docente identificar quais manifestações corporais estão disponíveis aos/às estudantes, bem como, aquelas que mesmo não compoem suas vivências, encontram-se no entorno da escola ou universo cultural mais amplo. Significa, também, levantar os conhecimentos sabidos pelos/pelas estudantes sobre determinada prática corporal. Sendo assim, é um tipo de atividade de ensino constante e dinâmica (NEIRA, 2011).

funk, sertanejo, hip-hop, break, psy, samba, tango, arrocha, eletrônica, forró, capoeira, freestyle, passinho do romano, dança de rua, axé e frevo.

Tomando como referência as informações supracitadas, decidi investigar junto com a turma o frevo, pois um dos estudantes expos que o conheceu numa viagem ao estado de Pernambuco, tendo vivenciado com seus familiares alguns passos da dança brasileira.

Vale destacar a resistência da turma em tratar de tal temática, pois as danças até aquele instante só faziam parte das aulas quando se aproximava o momento de alguma festa organizada pela unidade, situação que colocava as/os estudantes para ensaiar dias antes, a fim de promover alguma apresentação ao público externo. De acordo com as crianças não havia aprofundamento<sup>4</sup> sobre o processo histórico, artefatos ou significados presentes nas manifestações. Outro fator relevante era a má presença de atividades recreativas dentro das aulas de Educação Física em outras ocasiões, o que os levaram a acreditar que o componente curricular é composto apenas por manifestações que utilizam corda, bola ou um momento de aliviar a tensão produzida em sala de aula.

Percebida tal significação, coube discutir as práticas da cultura corporal (esportes, danças, brincadeiras, danças, ginásticas e lutas) de que trata o componente Educação Física, ressaltando que um dos objetivos das aulas seria promover momentos de aprendizagens de manifestações ainda não vividas pela turma no interior da escola ou das aulas.

Essa situação, acompanhada das já mencionadas anteriormente, cunhou o interesse por investigar as manifestações da cultura corporal pertencentes ao povo afro-brasileiro, que de certa forma, faziam parte da cultura dos familiares das/dos discentes, pois muitos vieram da região nordeste do Brasil em busca de uma vida melhor. Outro aspecto motivador de análise foi a inexistência de discussão digna da cultura deste grupo, de acordo com as/os discentes, apenas se promoveu apresentações circunstanciais, a fim de garantir cumprimento de protocolos na semana da consciência negra.

Deste modo, iniciou-se o trabalho com a manifestação frevo desenvolvendo um mapeamento sobre o que as/os alunas/os sabiam sobre a dança. Logo aquele que já tivera tomado contato demonstrou um dos movimentos – agacha e levanta colocando um dos pés à frente -, a turma em seguida citou outros elementos característicos do

---

<sup>4</sup> De acordo com Neira (2011), aprofundar significa conhecer melhor a manifestação corporal objeto de estudo. Procurar desvelar aspectos que lhe pertencem, mas que não emergiram nas primeiras leituras e interpretações.

frevo: uso de roupa colorida, chapéu, saia, shorts e guarda chuva; praticado no estado de Pernambuco; dançado por homens e mulheres.

Como passo seguinte, realizamos assistência de vídeos<sup>5</sup> para entender um pouco melhor os significados que permeiam o frevo. Podemos logo de início promover uma leitura das identidades<sup>6</sup> dos praticantes, foi ressaltada a presença dos elementos citados em conversa anterior que o caracteriza. Além disso, consideraram: “os movimentos são rápidos e fáceis”, “a música é bem agitada”, “milhares de pessoas dançam na rua durante o carnaval”, “o carnaval de Recife é diferente do de São Paulo”, “aqui temos o samba e lá é o frevo”.

A vivência prática dos movimentos característicos do frevo veio em seguida, assim fizemos os passos ponta calcanhar, saci e tesoura conforme anunciado em um dos vídeos. Surgiram em meio a tantas resistências falas: “que negócio difícil”, “isso aqui é muito fácil”, “isso é coisa de doido, vou fazer não”. De início, mesmo sem música, houve grande envolvimento dos discentes, conforme a atividade foi acontecendo alguns a abandonaram afirmando não ter gostado ou não saber dançar.

Agora ao som de música características do ritmo, realizamos os movimentos supracitados, empolgados com a dinâmica da atividade, dois estudantes apresentaram um novo movimento, de mãos dadas, um de frente para o outro, abaixavam e levantavam simultaneamente, porém ao se levantar tinha de colocar um dos pés à frente, sendo contrário ao do parceiro. Demonstrado o gesto, os demais formaram duplas para realização.

A produção de tal vivência não foi nada parecida com a organização defendida por alguns conservadores educacionais, que necessita de estudantes colados em carteiras, silenciados e fingindo prestarem atenção ao que está sendo produzido. Confesso aqui que por alguns instantes tentei por em prática tamanha ordem, sendo possível somente no início enquanto apresentava alguns gestos, mas fui vencido pela resistência, rebeldia e “arte” daqueles que resistiam em fazer, pois sua vontade naquele momento era correr e brincar de pega-pega.

Dentro de nova aula, suscitamos novas discussões a fim de verificar a compreensão do que tiveram sobre as produções anteriores. Assim, se observou que o texto escrito corporalmente, isto é, a realização dos movimentos, era de tamanha facilidade para alguns, enquanto outros tiveram a mesma disposição para descrevê-los.

---

<sup>5</sup> Link de acesso ao vídeo assistido em aula - <https://www.youtube.com/watch?v=yUzxN5yR8MI>

<sup>6</sup> De acordo com Hall (1997), nossas identidades são formadas culturalmente. Neste sentido, Woodward (2014) coloca que a identidade se constitui com as posições que assumimos e com as quais nos identificamos, criam e adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representados, além de ser marcada por símbolos.

Neste momento, escrevamos de maneira coletiva aquilo que caracterizava o frevo, os gestos vivenciados em aula anterior.

Novamente ao realizar os movimentos ao som musical, aquele que tomou contato com o frevo em Pernambuco, foi demonstrando novos movimentos aos colegas, mas sem saber nomeá-los. Nesta aula, muitos estudantes, maioria meninos, recusaram em participar da dança alegando que a prática é apenas para meninas.

Vendo os discursos assumidos pelos estudantes para definir a manifestação, em meio à produção das vivências, pontuamos as informações trazidas nos vídeos assistidos inicialmente, abordando as questões de gênero que tanto impregnam o universo da dança.

Observando alguns garotos defenderem a não participação com o discurso de não serem gays, questionei-os e aos demais sobre tais afirmações, muitos apontaram que a participação não está restrita às meninas e nem é definidor de orientação sexual, logo se ressaltou a necessidade de respeito ao homossexualismo, pois foi colocado como algo amaldiçoado.

Além disso, debateu-se sobre a qualificação de “coisa de doido ou louco” realizada por um dos estudantes, ele próprio não sabia explicar o porquê chamava o frevo desta forma, apenas expos que os movimentos nunca tinham sido vistos por ele e por isso veio à mente nomeá-los desta forma. Quando perguntado sobre quais movimentos não são de loucos logo pronunciou os do futebol. Ressaltou-se à turma que a manifestação não é típica do nosso estado, porém é muito privilegiada em outras regiões, lugares recheados de estereótipos e visão preconceituosa de uma parcela privilegiada socialmente, e de todo modo merece total destaque no currículo, bem como respeito e valorização, já que faz parte da cultura familiar de alguns.

Mergulhando na história do frevo, logo de cara descobrimos que sua manifestação nasce a partir dos movimentos tecidos nas ruas de Pernambuco, em meio à resistência popular no final do século XIX, e início do século XX. Os primeiros grupos surgem a partir dos Clubes Carnavalescos Pedestres, por volta de 1880, quando estes passam a ter maior destaque no cenário de rua do Recife. Os Clubes Pedestres oriundos da classe trabalhadora urbana, originados nas organizações religiosas e profissionais, são denominados tomando como inspiração as ocupações cotidianas das pessoas que o formavam, como: espanadores, vassourinhas, lenhadores etc..

Neste período, capoeiristas vinham na linha de frente dos blocos ou bandas realizando seus movimentos característicos da própria capoeira. Esses, muitas vezes entravam em confrontos devido à existência de rixas entre os blocos de rua, alguns portavam guarda-chuvas para se protegerem ou atacarem o outro.

Sofrendo fortes ameaças de extinção dos desfiles por policiais e outras autoridades ano após ano, com o discurso de manutenção da ordem, o frevo foi ganhando outra cara para se fazer aceito em meio a tanta proibição e perseguição.

A repressão vivida pelos praticantes do frevo suscitou análise do cotidiano de alguns discentes, levando-os a expor a ação policial nas proximidades da comunidade onde residem: *“professor, semana passada a polícia entrou no beco e enquadrou os caras”, “a polícia entrou na favela e matou um rapaz”, “a tática é muito folgada”, “os ‘polícia’ pegaram o moleque de moto”.*

Ressaltou-se na discussão o preconceito praticado pela instituição militar contra o cidadão negro e pessoas da periferia, que por diversas tem de provar sua inocência perante as ações truculentas e covardes de policiais, pois os procedimentos adotados em bairros mais nobres da cidade são totalmente diferentes aos da faixa marginalizada.

Passado debate das ações perversas do militarismo, pensamos na forma de produção do guarda chuva, já que surgiu em diversos momentos, ao discutirmos a história e nas primeiras conversas sobre a temática. Considerado peça fundamental e carregado de significados, acompanha os dançarinos por todo desfile e apresentações, recebendo novas configurações com o passar dos anos. Deixou de ser um instrumento de defesa ou ataque com tamanho e peso considerável, para se tornar acessório principal, ganhando redução de tamanho, a fim de facilitar seu transporte, e variadas cores, essas, baseadas na bandeira do estado de Pernambuco.

Pesquisando as formas de produção do guarda chuva, encontramos um tutorial<sup>7</sup> no portal youtube.com demonstrando a confecção utilizando garrafa pet, revista ou jornais, durex e papel crepon. Ao assistir o vídeo, achamos interessante a cada um levar na aula seguinte uma garrafa pet de dois litros para elaboração da sombrinha.

Durante a confecção os estudantes formaram duplas, uns negando a fazê-la, outros muito envolvidos, desenvolvendo-a de acordo com suas características, deixaram as tiras da garrafa mais grossas, fixando nas extremidades papel crepon colorido, alguns tomaram como parâmetro as cores do time, enquanto outros queria apenas apresentar a diversidade de cores. Além disso, teve estudante que pintou com tinta guache, buscando personalizar ainda mais o objeto.

Produzida a sombrinha, buscou-se a produção coreográfica tomando como referência os movimentos já vivenciados nas aulas anteriores. Apresentei a música “me segura senão eu caio” cantada por Alceu Valença, e tomando-a como referência, fizemos os movimentos saci, bêbado, tramela e ponta e calcanhar. Os ensaios foram

---

<sup>7</sup> Tutorial de confecção de sombrinha de frevo: <https://www.youtube.com/watch?v=UfDqN-EzT-M>

recheados de idas e vindas, sendo realizados dentro da própria sala da turma, para isso, afastamos as carteiras, deixando o centro livre.

Estudantes que resistiam em fazer a dança entravam somente para demonstrar ao outro que o que estava sendo colocado era de fácil realização, mas quando perceberam o envolvimento dos colegas e a construção da coreografia, entraram aos poucos para fazer parte da dança.

Como produto final do trabalho apresentou-se a coreografia na festa junina da unidade. Cada um, portando a sombrinha produzida, dançou conforme o ensaiado. As meninas utilizaram saia confeccionada com TNT, vestimenta tomada emprestada por professora de unidade educacional vizinha, enquanto os meninos trajaram camiseta branca e shorts a escolha.

### *Capoeira*

Na volta do recesso escolar de julho a capoeira tornou-se palco de novas discussões dentro das turmas de quinto ano. No início realizou-se um mapeamento a fim de identificar novas informações. Pois, já era sabido que a manifestação era vivenciada por alguns estudantes no contraturno, no projeto Mais Educação da prefeitura de São Paulo, outros tomaram contato em ONGs próximas de casa.

Sendo assim, sentados em roda na parte externa da unidade, expuseram aquilo que sabiam a despeito da manifestação da cultura afro-brasileira, conforme apontavam, se registrava em caderno:

<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Dança;</li><li>✓ Jogo;</li><li>✓ Luta;</li><li>✓ Os capoeiristas jogam descalços;</li><li>✓ Tem de usar roupa folgada,</li><li>✓ Roupa branca,</li><li>✓ Movimentos: meia lua, armada, macaquinho, benção, esquivada, folha seca, mortal, bananeira, rasteira, queixada, ginga, aú, martelo;</li><li>✓ Somente duas pessoas jogam;</li><li>✓ Uma forma de defesa,</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Grupo Abadá;</li><li>✓ A cada ano troca o cordão;</li><li>✓ A troca de cordão depende de treinamento;</li><li>✓ Criada pelos africanos;</li><li>✓ Tem música;</li><li>✓ Instrumentos: agogô, pandeiro, atabaque, berimbau;</li><li>✓ Jogada em roda;</li><li>✓ Existe campeonato;</li><li>✓ Capoeira angola;</li><li>✓ Mestre;</li><li>✓ Antes de entrar na roda os participantes se cumprimentam;</li></ul>
---	--

✓ Homem e mulher jogam;	✓ Criada com o objetivo de se defender dos brancos.
-------------------------	---

Encontrado um emaranhado de significados, fomos à prática da capoeira, procurando realiza-la conforme o que foi apontado pelos/pelas estudantes. Sendo assim, iniciou-se pela produção da ginga, aqueles com domínio da técnica apresentou a maneira de realização do movimento, após, formou-se duplas, um de frente para o outro, conforme visto na demonstração do colega, faziam o gingado. Dentro de instantes se formou a roda e aqueles que se sentiam a vontade entravam para jogar.

Relembrando o processo anterior, em nova vivência o estudante Wilian apresentou o movimento “esquiva lateral”. De acordo com ele, um gesto aprendido no início do processo de aprendizagem da capoeira, cujo foco é proporcionar a defesa ao jogador, pois se coloca o antebraço na frente do rosto, com o corpo abaixado, apoiando no chão a outra mão. Após explanação, os colegas ao realizar a ginga, vivenciada em aula anterior, faziam esquivas laterais.

Paralela às aulas de Educação Física, a professora regente investigava com a turma os modos de produção cultural do povo negro, as condições as quais foram submetidos ao serem capturados/sequestrados de suas terras e transportados em navios. Assim, desenvolvemos discussão sobre o assunto, a fim de entender como aquilo que eles/elas sabiam do povo negro estava amplamente associado às situações de miséria e sofrimento.

Aprofundamos o processo de escravização, salientamos as técnicas avançadas de plantio e colheita como um dos motivadores para busca dos negros pelos europeus, já que seu maior interesse era explorar o máximo possível os recursos naturais das terras brasileiras.

Além disso, focou-se na desmistificação de hierarquização cultural, trazendo o povo negro também como produtor de cultura e não como detentor de todo mal produzido pela sociedade, pois muitas práticas e costumes presentes no nosso cotidiano foram produzidos pelo povo negro, deu-se como exemplo, turbante, feijoada, samba, boneca de pano.

Seguindo as vivências, relembramos os gestos realizados, o estudante Renan apresentou o movimento “meia lua”. Deste modo os estudantes tinham de realizá-lo junto com os outros já mencionados, para isso se formou pequenos grupos, aqueles com mais experiências desenvolviam, além dos apresentados à turma, os movimentos que já dominavam.

A construção das aulas foi se fortalecendo a cada momento, após realizar os movimentos supracitados, formamos uma grande roda, foi aí que o estudante Renan

trouxe mais um elemento fundamental da capoeira, a musicalidade. Ensinando aos colegas o ritmo das palmas ao cantar a música “menino na beira do rio”.

Música: “Menino na beira do rio”

Menino na beira do rio  
Menino na beira do mar  
Aprendeu a capoeira  
Sou da família Abadá  
Lá, lá, lá, ê  
Se quiser saber meu nome  
Não precisa perguntar  
Eu me chamo capoeira  
Sou da família abadá  
Lá, lá, lá, ê.

Em vivência produzida, convidei dois estudantes de outras turmas para compartilhar suas experiências com a capoeira, um participava do projeto desenvolvido no contraturno, a outra, estudante do 3ºano participava de um grupo de capoeira próximo de sua casa. Com posse do berimbau, o convidado explicou os itens que o compõem – cabaça, vara de madeira e arame de aço (de acordo com ele retirado de pneus de carro) -, além dos elementos que o acompanha: caxixi, dobrão e vareta. Seguindo, citou que existem três tipos viola, gunga e médio, diferenciando-se no som emitido, logo um dos estudantes anunciou que detinha em sua casa um berimbau do tipo gunga, porém estava quebrado. Finalizando, ressaltou o significado do berimbau na capoeira, sendo o instrumento de maior importância, pois é quem comanda e dita o ritmo do jogo na roda.

Em meio à enxurrada valorosa de informação, fomos à área externa produzir novos textos, formamos uma grande roda. O grande destaque foi a participação da convidada, Vitória, de apenas 8 anos, com estatura bem inferior aos estudantes da turma. A cada golpe ou movimento realizado pela garota, arrancava gritos e gestos de quem estava de fora, pois acreditavam que o/a companheiro (a) tinha sido “quebrado (a)”, houve uma considerável disputa para jogar com ela. Tudo ocorreu louvado pelo som do berimbau e das palmas daqueles que estavam na roda.

Dentro de tantas nuances, procuramos entender os códigos presentes na roda de capoeira, pois a cada aula surgia um novo elemento. Ao entrar no jogo um dos estudantes realizou o sinal da cruz, perguntado para a turma o significado do gesto responderam que é uma forma de se benzer ou pedir proteção a Deus para não se machucar. Outra fonte de discussão foi a forma de entrada ao centro da roda para



participação no jogo, alguns iam ao meio aleatoriamente, conforme suas vontades, aqueles mais experientes ficaram raivosos, argumentando que os colegas atrapalhavam, pois tinha um modo certo para entrar. Assim, a atividade foi interrompida para explicação da problemática, aquele que apontou o descontentamento informou que quem estava na roda, desejando ir ao centro jogar, tinha de comprar o jogo, logo apareceram piadinhas de alguns, *“mas eu não tenho dinheiro”*, rebatendo o gracejo, disse que não tinha relação alguma com isso, mas sim colocar um dos braços a frente do corpo de um dos jogadores para entrar. Além disso, complementou dizendo que na roda não é permitido retirar do jogo alguém de graduação superior.

Conforme o projeto foi se escrevendo, os estudantes apontavam as instituições no em torno que oferecia a prática de capoeira: dois ou três frequentavam a Casa José Coutro, outros já tinham tomado contato nos espaços Casa do Zezinho e Sete Lagos.

Os rabiscos foram e voltaram, em linhas sinuosas e estreitas, pois constantemente aqueles resistentes em vivenciar a capoeira, pediam para que eu pegasse a bola para jogarem futebol, enquanto os colegas realizassem as atividades propostas. O processo de convencimento, em meio às tensões, por muitas vezes gerou revolta, abalos, desânimos, já que a ausência da bola na Educação Física representava um grande estranhamento.

Entre tantas broncas, discussões, resistências, corpos, movimentos, gestos, palavras, expressões, meninos e meninas poetizaram dentro do currículo. Desestabilizamos a estrutura moderna presente na escola, ao tecer a concha de retalhos da capoeira. Apresentaram os instrumentos musicais que a compõem – agogô, pandeiro, atabaque e berimbau -, complementei as informações expondo um dos motivos de inserção de tais artefatos, pois se considerava na época que a prática da capoeira tornava os negros mais fortes, rebeldes e valentes, assim, os praticantes introduzem canções para ludibriar aqueles que os perseguiam, deixando-os com a sensação de que naquele momento se produzia alguma dança. Além disso, as músicas retratavam o modo de vida, sofrimento, alegrias, frustrações, angústias, sentimentos vividos pelos negros.

Textualizava-se na instituição as entranhas da cultura afro, com muita negritude, ginga e resistência, pois até aquele momento não se tinha dada tamanha atenção à temática étnicorracial. O tratamento era apenas cumprimento de protocolo para semana da consciência negra. Escrevia-se, naquele momento, com letras garrafais, a justiça curricular ao lado do reconhecimento da cultura corporal da comunidade<sup>8</sup>, ambos,

---

<sup>8</sup> Com o intuito de valorizar as raízes culturais da comunidade na qual a escola está inserida, as manifestações corporais dos grupos de origem e pertencimento dos/as alunos/as transformam-se em temas de estudo (NEIRA, 2011).

princípios de um currículo cultural preocupado com a construção de uma sociedade mais justa (NEIRA E NUNES, 2008).

Assim como a imprevisibilidade de um jogo de capoeira, borrou-se a tela tecnicista educacional, pois não sabíamos até onde iríamos com todo o trabalho, a manifestação cultural é recheada de elementos ricos em significados e valores, impossíveis de serem esgotados em um bimestre, semestre ou ano letivo. Exemplo disso foi o pronunciamento de um dos estudantes em meio ao processo: *“O professor de capoeira disse que tem 10 anos de capoeira e não sabe tudo sobre ela”*.

Estávamos ali para investigar a cultura afro-brasileira de uma forma que pudéssemos entendê-la e vivenciá-la não de uma forma romantizada, mas sim debatendo as perseguições, opressões e demonizações sofridas pelo povo negro ao longo da história.

As caixas de tintas estavam abertas para meninos e meninas tocarem seu pincel e deixarem suas marcas na tela. As fugas e desestabilização da programação proposta eram diárias, foi estressante, conflituoso e preocupante. A vontade de correr e produzir pega-pega pulsava em alguns corpos, a sede pela bola contaminava algumas mentes, e as saídas da roda eram constantes. Diferente da cartilha pedagógica, não teve nada de suave.

Dentro das rodas, teve enfrentamento, ameaças, risos, falas: *“professor, o Adelmo está arregaçando, vou bater também”, “posso ir com a fulana?”, “eu não quero ir com ele”, “tô cansado de capoeira”, “levanta mais a perna”, “olhem as palmas”, “cadê o ritmo?”*.

Os discursos e movimentos colaram as marcas dos estudantes na produção do conhecimento. Aqueles com mais experiência auxiliaram os colegas que tinham dificuldades, a aprendizagem se deu em várias direções. As proximidades encorajaram o Outro a entrar na roda. Este Outro é aquele todo desajeitado, tido como “analfabeto motor” por alguns defensores de outras perspectivas, aqui tratado como diferença.

Eram nestas entranhas que se mostravam o caráter plural dos corpos, o arco-íris de significações, a necessidade de reconhecê-los e valorizá-los, de mostrar a todos que o Outro também é possível, que a diferença também é necessária e válida, de entender as marcas preconceituosas da sociedade contra aqueles que fogem dos padrões.

A multiplicidade de ações a cada aula abalava as estruturas que garantiam os discursos hegemônicos e conservadores: *“ensinar luta os deixam mais brigões”, “você é doido, se esses meninos se machucarem você está lascado”, “isso é perigoso”*. Foi ouvindo essas frases ao longo dos anos que percebi a percepção de colegas frente aos textos da cultura corporal.

A surpresa veio quando um estudante teve seu rosto atingido pelo pé do colega, naquele momento esperava-se a devolutiva de outro golpe, um revide à altura, mas de imediato parou-se o jogo para o pedido de desculpas pelo acidente. Neste momento, pontuou-se a ocorrência de incidentes deste tipo durante o jogo, daí os estudantes colocaram a importância de se realizar os movimentos, de estar atento ao que o outro realiza e a maneira de entrar na roda.

Entre linhas se transcreveu um emaranhado de textos pertencentes à capoeira, enriquecemos o repertório, perpassando pelas graduações, tendo como marcador a cor do cordão, que identifica o quão avançado está o praticante. Os estudantes com experiência se posicionaram citando-os como exemplo, informando possuírem a corda crua, essa destinada aos iniciantes Aproveitando o passeio, entramos no significado dos batizados, já que é dentro dele a ocorrência de mudanças do cordão.

Entre tantos caminhos e encruzilhadas, atravessamos sem olhar para os lados um dos marcadores de identidade dos capoeiras, a vestimenta (calça branca e camiseta branca). Além disso, desfilamos sobre a figura do mestre -, a resistência dos negros em manter viva sua cultura, pois falar em capoeira na escola até certo período não era possível, após muita luta, hoje há possibilidade, ainda com certa dificuldade, e a presença do grupo de capoeira Abadá na região.

A história da capoeira foi acompanhada pela trajetória do povo negro, abordou-se as condições de saída de seus terras, o transporte em alto mar e chegada ao nosso continente. Navegou-se pela maior forma de resistência, a constituição dos quilombos, citando o maior deles, Palmares, localizado na região onde é o estado de Alagoas, o papel desempenhado pelos feitores e capitães do mato e o propósito dos negros ao criarem a capoeira.

Após intensas discussões sobre os assuntos supracitados, o estudante Luiz propôs a encenação da história, com possível apresentação aos colegas de outras turmas. Com o apoio das professoras regente e de reforço, os estudantes ensaiaram ao longo de aproximadamente um mês, apresentando em formato jogral parte da história dos negros escravizados em solo brasileiro. Abordando os modos de vida e resistência desenvolvidas contra as opressões sofridas por seus exploradores. A cada ensaio os estudantes também foram propondo ajustes, incrementando ainda mais suas impressões.

Contudo, o projeto exalou resistência e desafios, permitiu aos/às estudantes, dentro do ano letivo, vivenciar a cultura afro-brasileira de maneira digna e justa, rompendo com a perfumaria reforçada na semana da consciência negra. Colocamos no ar a valorização do patrimônio cultural da comunidade, ressignificamos a prática, aprofundamos e ampliamos os conhecimentos a respeito das temáticas de frevo e

capoeira. Combatemos com grande veemência as falas criadas para desqualificar a cultura negra, por diversas vezes ouvimos “*isso é macumba*”, “*isso é coisa de doido*”. Não garanto que conseguiram permanecer com estas ideias, mas naquele momento se viram abalados com a presença de outros discursos.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Claudia. **Um movimento popular chamado frevo**. Disponível em: <http://www.claudialima.com.br/pdf/Um%20movimento%20popular%20chamado%20FREVO.pdf>.

**História do frevo**. Disponível em: [http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Frevo&tr=f&id\\_perso=925](http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Frevo&tr=f&id_perso=925)

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v.22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L F. **Pedagogia da cultura corporal: críticas e alternativas**. 2 ed. São Paulo, SP: Phorte, 2008.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L F. **Praticando estudos culturais**. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2009.

NEIRA, Marcos G. **Educação Física: a reflexão e a prática no ensino**. São Paulo, SP: Blucher, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.